

A DIVERSIDADE NA MEDIAÇÃO

Esta experiência em mediação trouxe no seu âmago a questão da diversidade nas relações. A mediação ajudou na aceitação da diversidade, permitindo que as Partes sentissem o que era realmente importante no conflito e colocassem de lado as suas convicções baseadas em suposições e preconceitos criados ou herdados. Assim a mediação ajudou no futuro de uma criança de 12 anos com o nome fictício de Nina, seus avós maternos de origem espanhola, com nomes fictícios de Paloma e Murilo e do pai da menor, com nome fictício de Renato.

Falo em diversidade porque no âmago dos conflitos estava um sentimento de não aceitação da diversidade de raças, hoje cada vez mais uma realidade na sociedade e nas famílias brasileiras.

O conflito trazido pelas partes era a guarda da Nina que vivia desde os 3 anos com os avós maternos, e que sempre tiveram uma vida com boa folga financeira. A mãe de Nina, aqui denominada Isabel, foi casada com Renato, de origem negra, contra enorme resistência dos avós maternos.

O jovem casal viveu bem nos primeiros anos de sua vida conjugal, mas a não aceitação do casamento pelos pais de Isabel, foi sempre um grande empecilho para uma vida harmoniosa entre eles. Muitas discussões onde todos se machucavam.

Renato tinha uma boa posição na indústria metalúrgica quando casou, mas após 4 anos de casamento foi desligado da empresa onde trabalhava e após quase 2 anos de esforços para se recolocar no mercado corporativo, foi atuar como treinador de uma equipe juvenil de futebol, já que este esporte era uma atividade que Renato gostava e tinha conexões.

Sua renda passou a ser bem menor que antes. Desafortunadamente, ao final do terceiro ano de união, Isabel teve um AVC ficando com algumas sequelas. Com a incapacidade financeira de Renato para arcar com a educação da filha que já estava com quase 4 anos e com a doença da esposa, o casal precisou morar com os pais de Isabel.

Renato, frente a essa situação, não teve estabilidade emocional em lidar com a perda do trabalho, com a doença da esposa e com a dependência financeira dos sogros, que segundo o relato de Renato, sempre o trataram com desdém sem o menor esforço em criar um ambiente harmonioso. Gradativamente, Renato e Isabel foram se afastando e infelizmente se divorciaram no sexto ano de casados. Na ocasião da separação foi estabelecido que a guarda de Nina seria unilateral da mãe.

Renato saiu de casa e foi viver primeiro com os pais dele, e depois conseguiu alugar um pequeno apartamento onde tinha dificuldade de receber a filha com o mesmo conforto com que ela estava acostumada, de acordo com o relato dele. Assim, pouco a pouco ele passou a ver menos a filha. Havia sim um carinho entre os dois, de novo segundo o relato dele, mas parece que as dificuldades materiais conspiraram para um parcial afastamento entre o Renato e Nina.

Renato relatou que sempre reconheceu a boa educação e carinho que os avós davam à Nina, embora tivesse grande mágoa da forma como era tratado. Os avós também, reconheciam que Renato era um bom pai, porém sem a garra para vencer profissionalmente quanto deveria.

Pouco a pouco Renato foi construindo uma vida financeira mais confortável. Há 3 anos se casou novamente e hoje tem duas filhas pequenas. Mais fortalecido, Renato se reaproximou de Nina

e estimulou o convívio das três irmãs sob a vigilância desconfiada dos avós. Nessa altura da vida de Nina ela já tinha grande iniciativa e externava a vontade de estar com o pai e as irmãs.

Recentemente as personagens deste relato passaram por novo abalo emocional. Isabel veio a falecer.

Com esse fato, os avós procuraram Renato para pedir a guarda unilateral de Nina.

Ele não concordou, colocando que agora ele queria viver plenamente com a filha, que gostaria que as irmãs crescessem juntas e disse que iria brigar pela filha como nunca fizera antes.

Ato contínuo os avós solicitaram na Justiça a guarda unilateral de Nina e o Juiz enviou o caso à mediação.

No dia na mediação ambas as partes estavam bastante abaladas e com grande ressentimento vindo do passado.

Primeiro falaram os avós e com voz emocionada, chorando muito, principalmente a avó. Falaram que Nina só poderia viver com eles, já que sempre morou com os avós e a sua vida estava totalmente harmonizada nesse convívio. Falaram também que, embora Renato estivesse melhor financeiramente ele “nunca” teria condições de dar a vida de lazer e estudos que Nina estava acostumada. Acrescentaram que isso iria desestabilizar Nina. O interesse dos avós era mantê-la por perto. Eles se sentiam como seus pais, principalmente após o falecimento de Isabel.

Nesse momento foi importante o uso da técnica do parafraseamento quando as afirmações são repetidas pelo mediador, mitigando a conotação negativa para a outra parte.

Em seguida foi a vez de Renato. Ele tinha uma grande mágoa, primeiro pelo fato de os avós jamais terem apoiado o casamento dele, e disse com muita raiva e mágoa que era somente por ele ser negro e que nunca se importaram com o quanto ele e Isabel se gostavam. Nunca admitiram que ele amava a filha e a esposa e que tudo faria para manter a família. Todavia, ele admitia que os avós tinham razão quanto à questão financeira, mas desta vez ele queria brigar pela filha, já que no passado não fez isso e queria que a filha tivesse certeza disso, disse isso com a voz embargada. Aí estava o real interesse de Renato. Ele queria que a filha soubesse que a queria perto dele e que iria brigar por isso.

Usando da empatia, falamos que entendíamos o que se passava com ele e que estes sentimentos são legítimos. Sentimos que isso foi reconfortante para Renato naquele instante e, de certa forma, surpreendeu os avós.

Após a emoção de todos aflorarem, houve um grande silêncio, em que ambas as partes estavam processando o que o outro falou e penso que, pela primeira vez, cada um estava se colocando na posição do outro esquecendo seus preconceitos e fragilidades escondidas, atitude essencial para convergirem para o diálogo.

Ficou visível que os avós estavam tendo uma nova visão de Renato, sobre o seu sentimento em relação à Isabel, e sobre a atitude de Renato que estava brigando pelo o que ele queria e também que ele sentia a grande dor da possível perda na neta que os avós estavam sentido.

Então, nessa oportunidade perguntamos como conseguiríamos chegar a uma solução que ao mesmo tempo fosse o melhor para a Nina, e as partes sentissem que seus principais interesses e emoções fossem atendidas simultaneamente. Eles não tinham ainda o hábito de se expor a

esse tipo de reflexão, mas, com a ajuda do mediador, surgiu a possibilidade de definirem a guarda compartilhada de Nina, como se fossem um casal. Falamos muito das vantagens desse tipo de guarda, principalmente para os filhos. Seria a guarda onde o “casal” iria partilhar toda a vida de Nina, iriam decidir juntos todas os pontos importantes de Nina, como educação, viagens, amigos, saúde, etc. Ao longo da explanação, vimos que ambas as partes anuíam com as colocações balançando levemente a cabeça e ao final decidiram-se sobre a guarda compartilhada.

Como a Lei exige uma residência fixa para a menor, decidiram que Nina ficaria residindo com os avós, onde já tinha a sua vida estruturada, mas Renato teria as visitas livres combinando com os avós e com Nina esse convívio. A avó também admitiu que Nina, diversas vezes, disse que queria estar mais com o pai e as irmãs. Esse momento foi de grande emoção para Renato.

Eles não tinham a consciência de como poderia ser rica a guarda compartilhada, mas ficaram abertos para essa nova forma de convívio e atuar para tudo dar certo.

Mas, o mais surpreendente foi o pedido de desculpas da avó à Renato pela incompreensão e desdém com que o tinha tratado no passado. Neste momento sentimos que eles tinham encontrado de fato o caminho do diálogo e certamente saberiam no futuro apoiarem juntos a Nina da melhor forma.

E a questão da diversidade ficou para trás... Não era mais importante!!!!